

SESSÕES DO PLENÁRIO

44ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 16 de agosto de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO LULA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Declaro aberta a presente sessão especial em comemoração aos 105 anos da Filarmônica de Bom Jesus dos Passos, proposta pelo deputado Marcelino Galo.

Convido para compor a Mesa: o Sr. Maestro e Presidente da Filarmônica União dos Artistas, da Ilha de Bom Jesus dos Passos, Josias Monteiro; o Sr. Vereador da cidade de Salvador, Antonio Carolino, também representando neste ato o deputado federal Bacelar; o Sr. Regente da Banda Maestro Wanderley, da Polícia Militar, tenente Freitas, que neste ato representa o comandante-geral, coronel Anselmo Brandão; o Sr. Maestro e Diretor-Geral da Neojiba, Ricardo Castro. Convido o Sr. Cantor e Compositor, filho da Ilha de Bom Jesus dos Passos, Gerônimo Santana; a Sr.^a Representante da comunidade de Bom Jesus dos Passos, professora Agolinda Passos; o Sr. Presidente da Associação das Filarmônicas Unidas da Bahia, Roberto Franco; o Sr. Representante do ex-maestro da filarmônica, professor Juarez dos Santos. (Palmas)

Agora, convido a todos para ouvirmos o Hino Nacional, com a Filarmônica União dos Artistas.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. MARCELINO GALO LULA: Bom dia a todas e a todos. Bom dia aos nossos músicos. Bom dia a vocês que estão aqui neste dia para nós, mais uma vez, celebrarmos a cultura. A cultura em nosso país, a cultura em nosso estado, a cultura da nossa ilha. A nossa ilha tem esse instrumento com mais de 100 anos, construído pelo próprio povo da Ilha de Bom Jesus dos Passos, que é um instrumento fundamental de inclusão pela arte, pela linguagem da música. E que traz essa oportunidade de termos ali filhos de pescadores, filhos de pescadoras e de marisqueiras, que fazem essa manifestação por tanto tempo.

Então, me perguntava na entrada: Por que homenagear especificamente essa filarmônica, já que praticamente todos os municípios têm uma filarmônica? Pela beleza que é, pelo tamanho daquela ilha e pelo tamanho tão grande que tem um instrumento de manifestação cultural, com uma beleza...

E fiquei muito impressionado um dia, porque eu sempre vou ali aos festivais – nós fomos ao último –, e, numa data anterior, houve uma apresentação dos nossos jovens e eles tocaram *Bella Ciao* com uma perfeição que aquilo me marcou.

Então, por tudo isso, por todo o trabalho, por toda a oportunidade que vocês têm dado aos jovens da ilha. Daquela ilha tão desassistida, que hoje vive um grande dilema que sempre aparece: se vai voltar para Madre de Deus ou se é de Salvador, mas que vocês continuam dando vida e beleza, e essa oportunidade aos nossos jovens. Muito obrigado a vocês. Por isso que vocês estão sendo homenageados neste dia.

Então, gostaria de saudar a Mesa, iniciando pelo nosso maestro Josias Monteiro, que é esse que hoje carrega, com um sacrifício muito grande, e se desdobra, no sentido de possibilitar que esses jovens tenham essa oportunidade. Muito obrigado maestro, a Assembleia lhe agradece. (Palmas)

Cumprimento aqui o vereador Antonio Carolino, que também representa o deputado Bacelar. Um deputado que tem o esforço de apoiar essa manifestação cultural importante. Muito obrigado.

Cumprimento o regente da Banda Maestro Wanderley, da Polícia Militar, o tenente Freitas, que neste momento representa Anselmo Brandão, comandante-geral da Polícia Militar.

Quero também registrar e agradecer a ele, porque ele é o grande articulador, que visita, que procura se aproximar, que traz e que apoia. Ele que, há poucos dias, inaugurou a que eu diria ser uma das obras mais importantes do governador Rui Costa, que foi aquele templo da música, um estúdio como a Neojiba fez na antiga estação da Embasa, desse trabalho belíssimo. Isso que é celebrar a vida!

Então, por ver aquele estúdio lá, maestro, a Bahia lhe agradece. Por isso que eu saúdo aqui a presença de Ricardo Castro. Ricardo, que também já foi homenageado por esta Casa – é o comendador Ricardo Castro – por esse trabalho. Quem vê, hoje, os núcleos da Neojiba... e esses núcleos, sem dúvida nenhuma, têm essa inspiração, não é maestro? Dessa coisa que vem da terra, da base social, feita com todo esforço do nosso povo. Então, muito obrigado, maestro Ricardo Castro. (Palmas)

E aqui, sem dúvida nenhuma, esse filho ilustre desta terra, o nosso Gerônimo Santana, que a Bahia toda conhece, o Brasil conhece. Quem vê Gerônimo cantar sente as raízes do nosso povo. Então, Gerônimo, saúdo você e agradeço por estar aqui para homenagear a sua ilha. (Palmas)

A Sr.^a Representante da comunidade, essa comunidade que faz todo esse esforço, que durante todo o percurso foi quem garantiu a vida dessa miniorquestra, dessa filarmônica, Agolinda. Agolinda Passos, muito obrigado. (Palmas)

Sr. Presidente da Associação das Filarmônicas Unidas da Bahia, Roberto Franco, aqui presente, obrigado. E o Sr. Representante, ex-maestro da Filarmônica. Uma filarmônica com 105 anos deve ter muitos ex-maestros.

Então, muito obrigado pela presença. (Palmas)

(Lê) “Estamos aqui, hoje, para homenagearmos a Filarmônica União dos Artistas, fundada no dia 27 de julho de 1914, portanto, completou 105 anos de existência. Isso porque a antes Filarmônica Lira dos Artistas, fundada nos meados dos anos 1901 e 1902, por desentendimento entre seus fundadores, acabou após sua primeira apresentação. Porém o maestro Melão, irmão do tenente Alexandre Melo, nunca deixou de lembrar-se dos acordes da *Valsa da Noite* e dos dobrados tocados na Missa Solene.

Anos se passaram, mas o povo nunca esqueceu de ter sua filarmônica. E com toda pompa e orgulho, 12 anos depois, fundaram outra filarmônica, ou reativaram a Lira dos Artistas, com o nome Filarmônica União dos Artistas, no dia 27 de julho de 1914.

Os músicos antigos tinham verdadeiro amor e dedicação pela filarmônica e não cobravam honorários. Amavam a arte musical, eram verdadeiros artistas do povo, carpinteiros, pescadores, artistas em apresentação popular, calafates e pedreiros. Não esquecendo que a nossa filarmônica foi uma irmã para muitos filhos da ilha, que hoje estão aposentados ou ainda servindo na Polícia Militar ou no Corpo de Bombeiros como músicos.

A filarmônica era tão acreditada pelo nosso Recôncavo Baiano que mais ou menos em 1937, quando houve o Congresso Eucarístico na Ilha de Itaparica, ela foi convidada para tocar na Procissão do Santíssimo Sacramento. E o fato inédito foi que todos os músicos esperaram o Santíssimo Sacramento passar, tocando de joelhos o Hino do Congresso. Esse fato foi comentado por todos os presentes, e anos passados o nosso orador Feliciano Pereira, em viagem a Brasília, ficou emocionado por ver em uma placa uma homenagem a nossa filarmônica.

Mesmo com crises bastante difíceis de serem resolvidas, a filarmônica nunca deixou de ser recuperada por aqueles amigos da mesma, tendo sempre ocorrido carnavais que nos deixam saudade. E tivemos rainhas, como Maria das Graças Santana Pereira, Ercília Sacramento, Célia Teixeira Lima (falecida)... Eliane Sacramento, Maria José Correia...” e muitas outras.

“(...) Durante anos foram interrompidos todos os festejos da filarmônica, ficando a sede sempre cedida para festas particulares, bingos, apresentação de bailes pastoris, peças teatrais e reuniões.

O prédio atual foi reformado pelos Srs. Inácio Silvestre Santos e Antônio Rocha Santana e outros. Atualmente a organização tem passado por muita dificuldade e trabalho para colocar tudo em ordem na filarmônica.

Nessas horas o povo mostra sua força e o sentimento de pertencimento pela sua filarmônica e a ajudam no seu soerguimento. Sempre foi assim!

As bandas filarmônicas sempre fizeram parte da cultura dos municípios brasileiros. Hoje, no entanto, são símbolos de resistência ou já se encontram perdidas nos registros históricos.

As filarmônicas, assim como as fanfarras, representam o grau de influência que a arte – no caso, a música – exerce sobre a comunidade.

Tradicionalmente, as bandas filarmônicas são formadas juntamente com a fundação dos municípios, portanto tornam-se símbolo histórico do local.

Mais que enriquecer os eventos de um município, tais bandas são escolas de música que trazem um universo de saberes para as diversas gerações, despertam o interesse pelos instrumentos musicais e atuam com importante viés educacional.

As filarmônicas podem ser vistas predominantemente como bandas comunitárias e centros de socialização locais. Inter-relacionais, facilmente nelas se podem encontrar sentadas três gerações: avós, filhos e netos. Há muito que a igualdade de gênero é sua marca, não distinguindo entre homens e mulheres. Finalmente, podem ainda ser vistas como escolas de democracia, já que é essa a sua linha principal de gestão interna.

Refletindo a sua longa e importante inserção nas comunidades, as filarmônicas intervêm nas festas religiosas e seculares, nas comemorações de dias nacionais e dias da cidade, nas recepções a entidades oficiais e ainda em concertos diversos.

A nossa homenageada, por exemplo, é composta por 55 músicos, sendo 35 homens e 20 mulheres, variando de 12 a 65 anos.

As filarmônicas das cidades interioranas são os centros de atividade musical mais importantes de uma região. A elas muito se deve de estímulo e de aperfeiçoamento dos modestos artistas que residem longe das cidades grandes.

Para manter a banda da cidade do interior em atividade, muitas vezes é preciso apelar para todos os recursos possíveis.

A Bahia dá um dos melhores exemplos, realizando todos os anos festivais de bandas de música, inclusive no Recôncavo.

A decadência das bandas de música (inclusive por falta de um programa de apoio dos governos federal e estadual), acabou dando espaço ao obscurantismo musical, de uns 40 anos para cá, com a invasão dos ritmos espúrios e alienados.

O repertório tradicional das bandas em nosso país, obrigatoriamente, representa grandes autores brasileiros, a exemplo de Heitor Villa-Lobos, Carlos Gomes, Antônio Manuel do Espírito Santo, Joaquim Naegele, Anacleto de Medeiros, Catulo da Paixão Cearense, Lyrio Panicali, Ari Barroso, Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Capiba e tantos outros.

Por isso tudo e por muito mais que os olhos não conseguem ver, mas a alma sente a homenagem hoje prestada à Filarmônica União dos Artistas tão merecida quanto justa.

Quem pesca não só vive de comida tem de ter diversão, arte e preservar a memória cultural de sua gente.

A Filarmônica União dos Artistas é um patrimônio da nossa gente guerreira.

Viva a Filarmônica União dos Artistas”, ora representada por esta turma de jovens com essa história tão bela e tão longa.

Muito obrigado a vocês. Um grande abraço.

Viva Bom Jesus dos Passos! Viva a Filarmônica! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Concedo a palavra agora ao Sr. Presidente da Associação das Filarmônicas Unidas da Bahia, o Sr. Roberto Franco.

O Sr. ROBERTO FRANCO: Bom dia a todos e todas. Nas pessoas do deputado Marcelino Galo e do maestro Josias, gostaria de saudar toda a Mesa, gostaria de saudar esses jovens componentes da aniversariante, com 105 anos de história, muita história, e todo o povo da Ilha de Bom Jesus que acolhe muito bem essa filarmônica, vi lá num encontro recente como existe uma ligação da comunidade com esse projeto. Então isso, por si só, demonstra a importância das filarmônicas em uma comunidade.

Eu represento aqui a Associação das Filarmônicas Unidas da Bahia, uma associação recentemente fundada há apenas 3 meses, hoje, com aproximadamente 100 filarmônicas. Estamos ainda no processo de filiação.

As palavras do deputado Marcelino resumiram bastante a importância das filarmônicas em cada uma dessas comunidades. Somos 183 filarmônicas cadastradas na Bahia,

todas elas fazendo exatamente o que o deputado relatou aqui em termos de importância cultural e social.

Eu presido a Filarmônica Minerva Cachoeirana, aqui da cidade de Cachoeira. Lá nós temos três filarmônicas, temos esse privilégio, somadas dão mais de 300 anos de trabalho musical e social. São as filarmônicas que formam os músicos que vão compor as bandas militares, inclusive da Polícia Militar, de todas as Forças Armadas, são as filarmônicas que formam músicos que vão compor orquestras, a exemplo da Neojiba, representada aqui pelo maestro Ricardo Castro, e esses jovens aqui representados pela União entram para a música a partir de uma filarmônica em inúmeros casos.

O que a gente, através dessa associação... E aqui quero falar em nome também do maestro Fred Dantas, justificando inclusive a ausência dele: neste momento a esposa dele está defendendo uma tese de mestrado na UFBA, exatamente neste horário, e ele disse que não tinha como estar aqui, embora quisesse estar, porque a esposa jamais o perdoaria. A gente entende essa dificuldade de o maestro estar aqui, mas falo em nome dele também, porque o maestro Fred Dantas é um lutador em favor das filarmônicas. Ele faz isso há 30 anos, ele nunca se distanciou das filarmônicas, porque exatamente reconhece a importância social das filarmônicas quando elas acolhem jovens, crianças.

Na Minerva Cachoeirana, por exemplo, a gente acolhe a criança desde os 8 anos de idade, nós temos lá, hoje, 55 alunos. E quando eu falo aqui de 105 filarmônicas aproximadamente, que é o número que está junto à nossa associação, a gente aí faz uma conta rápida e tem perto de 10 mil crianças e adolescentes atendidos pelas filarmônicas em toda a Bahia. É um número extremamente expressivo.

O que buscamos através dessa associação é o reconhecimento, o apoio necessário, porque o apoio que a gente precisa é o apoio financeiro mesmo. Uma filarmônica para estar aqui bonita, como está hoje a União, precisa de recursos financeiros, precisa de fundamento, precisa de instrumentos, precisa manter esses instrumentos, precisa de uma sede e precisa manter essa sede, ela precisa de uma escola que forme esses jovens e precisa de monitores e professores para essa escola. Então, estou falando de apoio financeiro mesmo, estou falando de recursos financeiros em reconhecimento a um trabalho que dá esses frutos que estão aqui hoje representados pela União.

Então, tenho certeza, pelo que relatou aqui o deputado Marcelino, que ele está nessa luta das filarmônicas. O discurso dele resumiu as 183 filarmônicas que existem na Bahia, cada uma delas fazendo exatamente o que o deputado fez aqui na importância social e cultural de cada cidade. (Palmas)

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agora, nós vamos ouvir a representante da comunidade, a nossa professora Agolinda Passos.

A Sr.^a AGOLINDA PASSOS: Bom dia a todos que estão aqui, bom dia à bancada aqui representada pelos deputados e todas as autoridades aqui presentes.

Eu me dirijo aos meus alunos, porque quase todos aí foram meus alunos. Eu fui professora e nasci na ilha, morei na ilha e ainda frequento a ilha muito, muito mesmo, não deixo, tenho casa e tudo lá. Então, eu me sinto orgulhosa quando eu me refiro à Sociedade

Filarmônica União dos Artistas. Foi uma vida. Desde pequena meu pai foi presidente. No dia da festa de Santa Cecília, meu pai faleceu, mas nós tivemos força e coragem para até hoje estar à frente.

Alguém pode dizer: “E quem foi seu pai?” Meu pai foi Agostinho José dos Passos, que também fundou esta Filarmônica junto com muitos aqui, que o deputado, talvez, não tenha dito. Nós temos pessoas da terra: carpinteiro, pedreiro, calafates, pessoas de amor à própria Ilha do Bom Jesus dos Passos. Tivemos o Sr. Emílio Pereira, Enéas Brito, Cassimiro José dos Passos, Milton Conceição – alguém daqui ainda tem muito parente tocando na Filarmônica –, Antônio Pereira. Adalberto Lessa, Ursulino Pereira, Milton. Tivemos ainda o Sr. César Donatilo dos Santos como presidente, o Sr. Francisco Behrmann, José Teixeira Lima, Raimundo Alcântara, Jaime de Santana, Antônio Santana, Genésio da Silva e outros, e outros, e outros, e outros.

E tivemos um que foi muito importante, na minha opinião. Apareceu na ilha – naquele tempo que Bom Jesus dos Passos pertencia à Vila de São Francisco do Conde, e nós ficávamos lá e cá, lá e cá, não pertencia a Salvador, a Madre Deus, a ninguém – o coronel Manoel Duarte de Oliveira, um homem de pulso, um homem que tinha condições – coronel, naquele tempo, valia muita coisa para a própria ilha –, e acharam que devíamos colocar ele como o presidente daquela época.

E a Filarmônica muito pobre, de ter 10 pessoas... Eu ainda peguei de calça curta, com aquelas pernetas, tocando em tudo que era lugarzinho, mas tinha aquele amor, todo mundo gostava da Filarmônica. E não tinha casa. Cadê casa para ensaios? Casa para nada, para guardar nada. Cada um levava seu instrumento pra casa, e eles ficavam nisso: “Amanhã vai ensaiar na casa de fulano, na casa de beltrano”, porque não tinha casa, era totalmente desprovida de casa.

Então, logo que colocaram o coronel Manoel Duarte – pelo nome já está vendo que era pessoa que tinha condições financeiras –, ele comprou a sede que hoje é nossa. Nossa porque é deles. É nossa, da Ilha de Bom Jesus.

Então essa sede foi comprada, e eu tinha – eu não sei se a pessoa ainda tem – a escritura dessa sede. Foi comprada lá em Santo Amaro da Purificação, e o povo alucinou, porque quando viu que ninguém tirava dali... Foi a melhor coisa que poderia existir durante o período que existiu a Filarmônica União dos Artistas.

Depois, sai um presidente, sai outro, um liga, outro não liga. Não tinha recurso de poder público nenhum para ajudar, era só o povo da ilha mesmo, as festas de fim de ano, de Senhor dos Passos, era o que arranjava um dinheirinho. Uns ficavam contentes, outros se aborreciam: “Ah, eu não vou mais tocar, eu não tive dinheiro”, essa história toda, porque eu vivi isso com meu pai lá em casa.

Mas, depois da filarmônica preparada, ela caiu toda, toda, toda, toda. Não tinha mais instrumentos, os instrumentos alguém levou, não devolveu, não tinha mais nada. A Festa de Santa Cecília, com todo o rigor, acabou. Tudo, tudo, tudo foi, como diz o velho ditado, por água abaixo. “Que nada, não vai ter mais filarmônica!” E eu dizia: “Não, ainda vai ter, ainda vai ter!”

Aí apareceu um anjo bom, veio voando em 2011 e daí ele com todo... Este anjo todo mundo sabe quem foi. Quem foi? O maestro Josias Monteiro. Ele apareceu com todo amor, todo brilhantismo, toda a dedicação, profissionalismo, responsabilidade e suspendeu a filarmônica.

Então são coisas que a pessoa diz: “Não é possível que acontecesse isso em Bom Jesus dos Passos.” (Palmas)

Obrigada!

Ele com todo o dinamismo, aqui de Salvador, vereador ajudando – Carolino eu me lembro muito bem; Bacelar também me lembro muito bem –, fez tudo pela filarmônica. Espero que o Marcelino também não nos deixe! Em tudo está lá a filarmônica de Bom Jesus, porque é quem representa a nossa ilha. Eles foram para Belmonte, eles vão para tudo quanto é lugar. Belmonte ia saber que existia uma ilha pequenininha, escondida entre Madre de Deus, entre Ilha dos Frades, não é? Aí eles já sabiam que Bom Jesus dos Passos era uma ilha que tinha uma filarmônica. Então essa filarmônica levantou o nome de Bom Jesus.

Então nós não podemos deixar que por motivo algum eles briguem. Eu acho que até agora não brigou: de 2011 até agora é tudo calmo. Pode ter algum aborrecimento, mas vamos pedir a Deus que tudo dê certo. E que hoje, sendo um dia comemorativo para a ilha, não acabe de repente não. Continue com Josias, com mais alunos, com responsabilidade dos alunos também. Porque não é só ele. Vocês também têm que ter responsabilidade, dinamismo, poder.

Outro dia eu fiquei entusiasmada. Quando vinha a música, eu disse: “Cadê Josias?”. “Ah! ele ainda não chegou, não”. Quem estava dirigindo a música? Quem foi, hem? Vinícius! Vinícius também é um menino que foi, pequenininho, para lá e hoje já está querendo botar alguma coisa para frente. Espero que os outros também tenham essa vontade.

Então, meu muito obrigada, estou muito contente por hoje estar representando a nossa Filarmônica União dos Artistas.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado a professora que, como professora, nos deu uma aula e cobrou a tarefa de cada um. A professora Agolinda Passos.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): E agora nós vamos passar a palavra para o maestro Ricardo Castro. Essa, sem dúvida alguma, foi a maior obra da construção da cidadania dos últimos tempos no Brasil e aqui no nosso estado. Maestro...

O Sr. RICARDO CASTRO: Bom dia a todos, obrigado deputado, saúdo a Mesa, saúdo os nossos músicos aqui, artistas unidos, o título, o nome de vocês, não poderia ser mais bonito. É que é justamente disso que a gente precisa para continuar crescendo, defendendo a nossa atividade: é nós estarmos unidos. Somos poucos a acreditar que essa atividade é fundamental para o crescimento do ser humano, mas abemos que é verdade, e estamos lutando, e vimos que essa luta é antiga, justamente a professora Agolinda acaba de nos contar uma linda história.

Uma linda história que coloca a sociedade civil no centro da questão, que coloca a nossa responsabilidade para resolver os nossos problemas. Às vezes a gente reclama muito do governante, reclama muito de tal partido, e esquece que pode fazer muita coisa. E foi justamente nesse movimento de sociedade civil que a gente conseguiu implantar na Bahia um programa que hoje é um programa de política pública do estado, mas veio da sociedade civil essa vontade.

É interessante a gente lembrar que a arte que a gente defende hoje, que é a música, eu também sou músico, é uma coisa que é muito antiga, veio lá de trás, pelo menos a que a gente faz aqui no Brasil, e de um filósofo grego, matemático, Pitágoras, que descobriu as fórmulas que explicavam a harmonia. Ao mesmo tempo, naquele período, apareciam as origens da língua que a gente fala hoje, que veio do latim, que chegou ao português.

Então a gente é feito dessas origens, lá de trás. O que a gente trouxe para aqui, para este país, junto com o grande continente que é a África, que a gente, de forma equivocada, chama de país, mas são 54 países, são culturas incríveis... A África é de uma riqueza maravilhosa... A África veio para o Brasil também, aqui nós encontramos 3 milhões de índios. Pouca gente sabe que, 70 anos depois, só sobraram 1 milhão e 200, sendo que, em 1957, nós só tínhamos 70 mil índios contabilizados no Brasil.

Então já é uma boa notícia a gente saber que hoje eles são mais de 800 mil, mas é uma história, uma história dramática também a história dos nossos índios. Então é dessa sopa de cultura, de pensamentos, de crenças, que foi feito o nosso país. E isso tudo trouxe para cá uma atividade musical intensa que já existia na Europa há séculos, que inclui a atividade das bandas, que a gente chama aqui na Bahia de filarmônicas, e que, com certeza, tem sido um dos elementos mais estruturantes da nossa comunidade. A gente... por exemplo, a gente está fazendo agora, nesta semana, nós, do Neojiba, o festival que se chama *Neojiba Encanta*. É a primeira vez que a gente reúne coros, uma outra atividade linda e fundamental para estabelecimento da paz e da harmonia na nossa comunidade.

E o Neojiba quis trazer não somente a arte da orquestra sinfônica, mas também a arte do canto coral de volta para nossas comunidades, uma coisa que deveria estar em todas escolas, deveria estar em todos os agrupamentos aqui, no Brasil. Nós somos um povo musical, nós temos aqui na Mesa um grande artista da Ilha dos Passos, Gerônimo, que sabe disso, quando ele canta o povo canta com ele, não é? Isso aí é uma coisa tipicamente brasileira, eu só conheço um que não gostava disso, foi o nosso querido João Gilberto, tanto que ele acabava cantando daquele jeito, que ninguém conseguia seguir, para ver se o público parava de cantar com ele. Mas o nosso público gosta de cantar, então imaginem se a gente junta na nossa comunidade não somente músicos que tocam violino ou que aprendam a tocar violão e que são das filarmônicas, mas também músicos que sabem cantar.

Eu acho que é tudo isso junto que faz com que a gente possa crescer e que a gente possa encontrar mais harmonia, porque nós sabemos que até numa filarmônica... Hoje nós temos aqui uma parte, imagino, do trabalho de Josias, grande maestro, parabéns por ter ressuscitado essa linda história na ilha. Nós sabemos que nesse grupo podem ter integrantes com crenças diferentes, que acreditam em partidos políticos diferentes, mas na hora de tocar nós estamos em paz, e nós precisamos buscar essa paz, é fundamental que a gente entenda que essa nossa prática musical, seja a feita por coros, seja a feita por filarmônicas, por orquestras, é uma das principais ferramentas de pacificação da nossa comunidade, mas não somente, também de crescimento. Eu costumo dizer que o músico dos Neojiba, ele não entra lá para sair músico, ele entra para sair um ser humano mais capacitado, com mais compreensão, com a capacidade de ouvir. Vocês devem saber que a principal coisa de um músico é ouvir o outro, é isso, então a gente aprende a ouvir o outro falar, aprende a ouvir o outro ser o que ele é. Essa atividade, ela é estruturante para o ser humano.

A gente sabe que tem alguns músicos dos Neojiba que vão parar na Europa, vão parar numa orquestra, mas a nossa missão nunca foi preparar músicos, eu espero que não seja a missão também das filarmônicas, porque, na realidade, a música é para qualquer ser humano, é para todos nós. Não acreditamos que exista o artista que receba o fogo divino. Sim, para aquele que persiste, que quer ser, a filarmônica, a orquestra, o coro serão uma porta de entrada para esta arte, que é difícil, não é? Você ser um músico, se dedicar, aliás, a qualquer coisa que a gente queira fazer com excelência, não é, deputado Marcelino, que é o nosso real secretário de cultura, não é?... (Palmas) É o deputado que mais defende a cultura neste estado. Ele sabe disso, que para ser um grande político, ele tem que acordar cedo, ele tem que estudar as leis, ele tem que ir atrás da informação, ele tem que ir atrás das filarmônicas de Bom Jesus dos Passos para entender o que está acontecendo com a população, nada é feito com facilidade, a música também não.

Então é uma longa caminhada que é escolhida por poucos. Para aqueles que querem ser músicos, sim, a nossa filarmônica nos ajuda, ou o projeto Neojiba, ou então uma escola de música. Falando de escola de música, nós temos que lembrar que a maior escola de música hoje, no Brasil, são as igrejas evangélicas, não é a Neojiba, nem as universidades, nem as filarmônicas. Eu diria que as filarmônicas são a segunda maior escola de música do Brasil. Já é uma grande função das filarmônicas.

Mas as igrejas evangélicas estão na frente criando coros, oferecendo instrumentos. Quem está lá dentro, sabe. Isso também ocorreu por um esvaziamento das políticas públicas nesse sentido. Não que eu ache que esteja acontecendo algo errado, mas acho que o Poder Público precisa participar disso também, precisa participar da oferta de oportunidades para os nossos jovens.

Nossos jovens não querem nada mais do que pertencer a algo. O ser humano nasceu para se comunicar, se relacionar. Você deixa um bebê sozinho, mesmo alimentado, se parar de falar com ele, ele morre. O bebê precisa dessa... O ser humano nasceu assim, ele nasceu com essa dependência do outro. Isso é bonito!

Então, temos, na nossa juventude, uma necessidade autêntica de querer participar de algo. E aqui está um exemplo lindo de resultado de um grupo que é constituído, está aí bonito, tocando bem, todo mundo fardado, sabendo que vocês representam a cidade de vocês.

É um movimento que tem que estar no Brasil todo, é um movimento que tem que vir da sociedade civil com força. Parabéns a todos que fundaram, agora, a recente Associação da Federação de Filarmônicas da Bahia. É fundamental que essas associações existam. Nós temos muito mais força do que aquela que nos dizem ter.

Como eu disse aqui, no início, às vezes pedimos muito ao Poder Público, mas às vezes o Poder Público quer nos dar a sensação de que não podemos nada, e que tudo está nas mãos dos coronéis. Quem é o coronel que vai ajudar, hoje em dia, a filarmônica de uma cidade de Serrinha? A gente vai ficar dependendo dessas pessoas? Sim, porque o dinheiro está concentrado em poucos. É verdade!

Então, precisamos provocar todos, tanto o Poder Público, quanto as pessoas – espero que não existam mais esses coronéis hoje, que acumularam riquezas –, que deveriam defender suas cidades, suas bandeiras com as filarmônicas, como fazem com o time de futebol. Quem conheceria a cidade de Chapecó se não fosse pelo chapecoense, grande

time de futebol que quase todos morreram? Nós temos bandeiras que a sociedade civil, quando se reúne, consegue dar força e criar a história.

Eu só vim aqui, hoje, parabenizar o Josias, o nosso querido deputado, e todos que estão nessa Mesa, porque sei que fazem parte de uma luta por um desenvolvimento social que seja sustentável, que não tenhamos mais uma história de 105 anos, mas que ficou com um buraco no meio, quando a filarmônica desapareceu. Isso não pode ocorrer.

Precisamos continuar, principalmente quando se trata de crianças. Não podemos começar algo e parar. Eu sempre disse, quando iniciei o programa Neojiba, que tinha que ser uma política pública coordenada, para que no momento em que déssemos oportunidade a uma criança, não largássemos mais a mão dessa criança, porque não temos o direito de fazer isso com nenhum de vocês. Não temos o direito de fundar uma filarmônica e, dois anos depois, por falta de recursos, ter que interrompê-la.

É por isso que tudo tem que ser feito com organização, com sustentabilidade, com apoio de todas as partes. Não é só do Poder Público, as prefeituras precisam entrar, porque são suas cidades que estão sendo representadas pelas filarmônicas, mas o povo dessa cidade precisa acreditar.

Parabéns ao povo da nossa ilha por sustentar essa história linda, e contem com todos nós.

Eu sou apenas um membro da sociedade civil que hoje está dirigindo um programa que é do governo do estado, que presta contas ao governo do estado. Por exemplo, nós temos um grande compromisso, os nossos instrumentos não são do Neojiba, são todos do governo do estado, são todos tombados. Tudo que o Neojiba usa é do governo do estado, nós prestamos contas de cada centavo ao governo do estado, nós estamos cumprindo metas determinadas pelo governador. Não é o Neojiba que decide ou a minha instituição que decide o que vai fazer, para onde vai. Isso é uma política do governo para a implantação de uma prática que efetivamente ninguém fazia.

Quando eu digo isso, às vezes, a Assembleia entende mal, porque, sim, já há algumas cidades que têm coró, que fazem prática de coral, ou algumas cidades que têm filarmônica, mas eu estava falando, quando cheguei na Bahia, da prática orquestral. A arte orquestral não é melhor e nem pior que nenhuma, mas é uma arte específica. A música de orquestra precisa de violino, fagote, oboé, ela transmite uma cultura que é também secular e que não é só europeia, mas é também brasileira. Escutem as grandes obras de Villa Lobos, nós precisávamos de orquestras para tocar isso, e nós não tínhamos na Bahia nenhuma política para que nossos músicos pudessem executar esse repertório.

Simplemente, quando cheguei na Bahia tinha um fagotista. Hoje o Neojiba tem dezenas de jovens tocando fagote. Na época os meninos entendiam a palavra como se eu estivesse dizendo pagode; quando eu falava para o público, ninguém sabia o que era um fagote. Então esse programa veio para tratar de uma área que não tinha atendimento, não tinha política pública para ela.

Nós esperamos que, com o crescimento desse programa, que hoje realmente está muito estabelecido, possamos apoiar todos os outros programas musicais, e eles também, como já fazem, na forma que tão belamente preparam essas crianças em suas cidades com as filarmônicas, nós todos possamos fazer parte de uma grande família em prol do desenvolvimento da nossa sociedade, acreditando que a música tem que fazer parte do cotidiano de todas as nossas crianças, sem exceção.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado, Maestro Ricardo. A Bahia lhe agradece por tudo que tem feito. É muito importante celebrar a vida nesse momento tão difícil, principalmente pela pregação da violência e da situação por que passa o povo brasileiro. É muito bom ter o maestro Ricardo e toda sua obra. A Bahia lhe agradece.

Quero registrar aqui a presença da professora Isabel Cristina Correia Borges, que é diretora da escola de Bom Jesus dos Passos; Walter Lima, presidente de honra da Filarmonia União dos Artistas de Bom Jesus dos Passos; José Dalvo Alves Neto, presidente da Cooperativa de Pescadores da Bahia de Todos os Santos; Orley Silva, superintendente de Desenvolvimento Territorial da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Obrigado a vocês.

E agora nós vamos passar a palavra para aquele que nós gostamos de ouvir e, como diz o maestro, cantar com ele, o filho ilustre da Ilha de Bom Jesus dos Passos, que é Gerônimo. (Palmas)

O Sr. GERÔNIMO: Sr.^{as} e Srs., meus primos, meus amigos, aliás, existe uma coisa que todos nós que estamos aqui assistindo, sabemos que Bom Jesus dos Passos é uma ilha onde todos são parentes, todos. Qualquer pessoa que estiver aqui, sempre haverá uma ligação de parentesco. É uma grande família.

Bom Jesus dos Passos é uma ilha que o raio dela de comprimento, quando a maré está baixa, é de 3 quilômetros de raio, então, a gente circula a ilha em 15 até 10 minutos, se for andando sem parar. Mas ela é muito populosa e talvez seja uma das ilhas que tenha uma maior concentração de pessoas, que quase já não tenha mais nada para se construir, só se for arranha-céu, coisa que eu espero que não aconteça.

Eu tive uma experiência com a Sociedade Beneficente União dos Artistas, quando existia um maestro de lá da terra, parente até de muitos dos senhores aqui: mestre Adalberto. E ele, como muitos músicos que conhecemos, tinha a capacidade de estar conversando com aquela gente, conversando sobre futebol, conversando sobre trabalho e escrevendo no pentagrama. Continuava escrevendo para todos os instrumentos, discutindo, se aborrecia, continuava escrevendo, botava a partitura para tocar e os músicos tocavam com perfeição. Isso me impressionou muito.

Eu penso aqui que eu tenho primos que tocam aí nessa orquestra, e não é nem a metade. Essa orquestra aí tem quase 60 músicos, isso pela audácia e a coragem do nosso maestro Josias, que eu me lembro muito bem, há 9 anos ele estava montando essa orquestra, e cada instrumento, parecia até música contemporânea, cada uma com a sua afinação. Eu fui persistindo, e essa ilha é uma joia que Salvador tem. Essa ilha é um bairro de Salvador, e ela precisa ser muito mais assistida do que um bairro. O estado tem que olhar porque ali existem grandes pessoas de talento e não é só música, não. Tem teatro...

Bom Jesus era uma ilha aonde existiu um parente dos senhores aqui e meu também, um artista chamado Izaulino Passos. Ele mobilizava mais de 20, 30 pessoas para fazer teatro em plena rua e todos participavam, de todas as idades.

Então, esse veio artístico da ilha, eu me orgulho muito de ter esse sangue de lá, essa origem praticamente de lá.

Tem a sua própria novena, as novenas de Bom Jesus, as músicas daquela ilha não têm em lugar nenhum. Olha que eu já rodei essa Bahia, e as novenas talvez, aliás, não digo que ficam pau a pau, mas não deixam a desejar. As novenas de Santo Amaro da Purificação que são todas em latim, em Bom Jesus também é e tem toda a sua característica do latim baiano.

E eu gostaria de encerrar apenas cantando um pouquinho de uma música, que eu espero também que os meus conterrâneos, os meus parentes, os meus primos cantem comigo, e a orquestra, se quiser me encarar, então vou cantar um trequinho dessa música, que diz assim: (Cantando) “Senhor Bom Jesus dos Passos, Deus de amor e de candura, lançaí piedoso, olhai para tantas criaturas.”

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agradecer ao nosso grande compositor e cantor Gerônimo.

E, agora, nós vamos fazer a entrega da homenagem a essa filarmônica, à comunidade Bom Jesus dos Passos, aos pescadores, às pescadoras, às marisqueiras, com a entrega de um quadro para a gente fazer a homenagem aos 105 anos e pela sua importância, não só da retomada como do período histórico muito importante com a sua participação.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.^a Beth Wagner: O que é que está escrito na placa, por gentileza?

O Sr. Gerônimo: “Parabenizando a Filarmônica União dos Aristas da Ilha de Bom Jesus dos Passos pelos seus 105 anos de relevantes trabalhos prestados à comunidade no combate às desigualdades sociais e a partir do desenvolvimento da cultura por meio da musicalidade.” (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Não precisa de microfone, foi a natureza.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Bom, mas agora vamos conceder a palavra ao Sr. Maestro e presidente da Filarmônica União dos Artistas da Ilha de Bom Jesus dos Passos, Josias Monteiro. (Palmas)

O Sr. JOSIAS MONTEIRO: Bom dia a todos.

Quero, aqui, saudar o nosso deputado Marcelino Galo, na pessoa do qual saúdo todos os outros deputados desta Casa; o vereador Antônio Carolino, representando o deputado Bacelar; o maestro Ricardo Castro, da Neojiba; o nosso amigo, companheiro, regente da Banda da Polícia Militar, nosso amigo Jorge Freitas; o presidente da FUB, Roberto Franco, representando todas as filarmônicas do estado da Bahia; apresento o nosso amigo Gerônimo, da Ilha de Bom Jesus dos Passos, que muito leva o nome da ilha para o Brasil e o mundo; saúdo a professora Agolinda Ramos, representando... desculpe-me, Agolinda Passos, representando a comunidade de Bom Jesus; o nosso presidente de honra, Walter Lima, representando todo o corpo de associados da nossa sociedade; o nosso amigo Juarez, representando a família do saudoso Mestre Jorge, um dos homenageados nos 105 anos da nossa Filarmônica, ao qual nós estendemos também esta homenagem, Mestre Jorge; a nossa amiga, esposa do nosso saudoso Wilson, nossa amiga Jussara; a nossa amiga Ana Lessa, que nos apoia também; toda a comunidade de Bom Jesus, principalmente a

comissão de mães de alunos da nossa Filarmônica aqui presente; os nossos diretores na pessoa de Mary May, aqui representando a diretoria; e quero também mandar um abraço caloroso para um dos nossos incentivadores, nosso amigo Jonathan May.

É uma grande satisfação para nós estarmos aqui hoje, neste dia, um dia de comemorar, um dia de dizer que a União dos Artistas é cultura de Salvador, cultura da Bahia, cultura do Brasil, e dizer que, apesar das dificuldades, jamais, jamais deixaremos morrer essa cultura novamente. (Palmas) Sabemos das dificuldades, mas o empenho dos alunos, dos pais aqui presentes, da comunidade nos faz sempre estar com mais responsabilidade, e dizer que União dos Artistas nunca mais faltará a uma pessoa, um apoio, um carinho da minha parte.

Eu, como maestro da Filarmônica, sei das dificuldades, mas jamais deixaremos morrer essa cultura.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado, Josias Monteiro, não só pela sua participação aqui, mas por todo esse conjunto da obra, de garantir a permanência de um instrumento tão importante para todos nós.

E agora vamos ouvir os nossos e as nossas participantes desta filarmônica, que vão nos brindar, nos privilegiar com algumas músicas.

Agora a Filarmônica da Ilha de Bom Jesus dos Passos.

(Procede à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado, maestro.

E agora para encerrar as falas com chave de ouro, convido aqui Gabriela Rezende, representando os músicos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Convido Gabriela Rezende para discursar, representando os músicos. (Palmas)

A Sr.^a GABRIELA RESENDE: Bom dia a todos.

Na pessoa do proponente da sessão, deputado Marcelino Galo, saúdo os demais membros da Mesa.

(Lê) “A importância da Filarmônica União dos Artistas para a Ilha de Bom Jesus dos Passos tem como objetivo proporcionar aos jovens o enriquecimento cultural e o conhecimento prático e teórico de peças musicais.

A música educa, transforma, liberta e une. Essa é uma frase que levo sempre em minha vida pois ela abre caminhos para muitas conquistas para os jovens da Ilha de Bom Jesus dos Passos.

A Filarmônica foi reativada para as crianças e jovens terem a oportunidade de aprender coisas novas, culturas novas e também para retirar as crianças desse mundo onde, hoje em dia, não se tem muito de bom a oferecer e trazê-las para um ambiente que vai dar a elas novas oportunidades de seguir a vida com mais alegria.

Só tenho a agradecer ao nosso maestro que, com muito esforço e dedicação, mantém a nossa filarmônica de pé e muito unida, pois sem o esforço dele não teríamos chegado aonde estamos.

Obrigada, Josias. O senhor tem sido não só um maestro, mas um amigo, um pai para todos os músicos da União dos Artistas. Obrigada por nos motivar, obrigada por nunca desistir, não só dos músicos da União dos Artistas, mas também por não desistir das crianças e dos jovens que estão chegando para aumentar e enriquecer mais ainda a família União dos Artistas.

Só tenho a agradecer ao maestro, pois sem ele garanto que muitos que estão aqui hoje na União não teriam chegado aonde chegamos hoje.

Muito obrigada, Josias!” (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Registrar a presença de Tâmara Azevedo, que é da Secretaria de Cultura e Turismo.

E, agora, nós vamos ouvir a execução do Hino da Bahia com a Filarmônica União dos Artistas.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agradeço a todos vocês músicos, agradeço ao maestro Josias Monteiro – ele como muitos outros abnegados aqui na construção da cultura do nosso estado –, agradeço às autoridades civis e militares, agradeço a todos vocês por esse momento tão importante e de beleza da nossa cultura aqui na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Viva a Filarmônica de Bom Jesus dos Pobres! (Palmas). Um grande abraço. Agradeço à comunidade e a todos vocês.

Está encerrada a sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.